

Tradução do russo e edição por CN, 20.04.2016

(original em: [http://publ.lib.ru/ARCHIVES/P/PRUDNIKOVA\\_Elena\\_Anatol'evna/Prudnikova\\_E.A.\\_Posledniy\\_boy\\_Lavrentiya\\_Berii.\(2008\).\[rtf-ocr\].zip](http://publ.lib.ru/ARCHIVES/P/PRUDNIKOVA_Elena_Anatol'evna/Prudnikova_E.A._Posledniy_boy_Lavrentiya_Berii.(2008).[rtf-ocr].zip))

---

## **A última batalha de Lavrénti Béria (II)**

*Entrevista com Elena Prudnikova*<sup>1</sup>

**Iúlia Siroejina**

**Mais uma vez sobre Stáline, Béria e outros...**

*(A humanidade dos líderes)*

– **Na sua opinião, quais eram as relações entre Stáline e Béria?**

– Muito próximas e calorosas. Eram duas pessoas com a mesma cultura, a mesma mentalidade, tinham valores e objectivos de vida iguais. Os factos falam-nos precisamente disso. Há um interessante episódio recordado por Sergo Béria que remota ao início de 1934, altura em que Béria foi eleito membro do CC no Congresso. Sergo recorda-se de que logo depois do Congresso foi com Stáline de carro para a sua *datcha*, sem estar acompanhado pelos pais. Na *datcha*, foi o próprio Stáline que o deitou na cama. Depois houve festa ali. Onde estavam o pai e a mãe? O mais certo é terem ficado a conversar com Kírov, e Stáline tratou da criança, permitindo-lhes que passassem uns momentos juntos. Concordará que este episódio mostra que tinham relações muito próximas.

Ou, por exemplo, existem várias fotografias de Béria com Svetlana. E Stáline não tinha por hábito permitir que qualquer pessoa se fizesse fotografar ao lado da sua filha. Ou seja, parece que já no início dos anos 30 Béria era próximo de Stáline. O que não é nada surpreendente. Béria era uma pessoa invulgar, encantadora e humanamente boa.

– **Béria uma pessoa humanamente boa... soa estranhamente...**

– Tenho pena, mas é a voz fria da análise. Ao estudar os montes de testemunhos, pus de lado tudo o que provinha de Khruchov e da sua equipa, bem como mentiras descaradas. Restaram-se muito poucos factos, mas esses fragmentos soltos da reali-

---

<sup>1</sup> Elena Prudnikova é escritora e historiadora russa. A presente entrevista (de que publicamos a segunda de três partes) foi incluída como posfácio do seu livro *A Última Batalha de Lavrenti Béria*, OLMA, Media Grupp, Moscovo, 2008. (N. Ed.)

dade começaram a formar um quadro completamente diferente. Aliás, uma das razões que me levaram a escrever este livro foi a vontade de reconstituir o retrato de Béria como ser humano. Efectivamente fi-lo através de métodos puramente analíticos, juntando migalhas literalmente, referências involuntárias feitas por testemunhas dispersas. Montei tudo isto como um mosaico e o resultado foi este.

– **Não lhe parece que é demasiado bom para ser verosímil?**

– Não. Na verdade a imagem que formei pessoalmente é ainda melhor do que aparece no livro. Mas não se pode saber ao certo... A propósito, sabe qual é uma das razões porque se considera Béria uma pessoa enigmática? Porque o retrato que os propagandistas de Khruchov fizeram dele não coincide em absoluto com as suas fotografias.

– **E o seu retrato coincide?**

– Necessariamente, até porque utilizo as fotografias como provas documentais. Voltemos mais uma vez às relações entre Stáline e Béria. Na realidade, o líder controlava como vivia Béria, em que condições, se tinha tudo em ordem. E Béria realmente beijou a mão de Stáline agonizante. Falou-se várias vezes do seu discurso no funeral do líder: o tom trágico arrebatou de tal modo a alma das pessoas que, passados 50 anos, ainda se recorda esse discurso, enquanto os outros simplesmente apagaram-se. Para arrancar tudo isto da memória das pessoas foi preciso inventar a fábula da hipocrisia monstruosa de Béria.

– **Mas várias pessoas relataram que Béria estava muito animado e alegre logo no dia seguinte à morte de Stáline. Na sua opinião isto também é uma falsidade?**

– Não necessariamente! Pude observar várias vezes esse tipo de reacção face à perda de um ente chegado e amado, em pessoas que não têm tendência a manifestar sentimentos publicamente. Trata-se de um mecanismo de defesa psicológico daqueles que, por uma razão qualquer, não se permitem chorar à frente de outras pessoas. Aliás, um caso análogo aconteceu em 1923 quando Lénine já muito doente reclamou ao *Politburo* que lhe dessem veneno. Da reunião em que essa questão foi debatida, Trótski guardou na memória o sinistro «*meio-sorriso*» de Stáline quando informava sobre a exigência do líder. Ora, Stáline tinha uma relação humana com Lénine muito afectuosa. Mas como sabe, a posição obriga...

– **Mas que personalidade misteriosa, Lavrénti Pávlovitch Béria...**

– Antes pelo contrário, nada misteriosa. Tudo indica que era na realidade uma pessoa muito simples, tão simples que hoje parecerá inverosímil. Um técnico até à medula dos ossos, dirigente da indústria, com todas as particularidades deste tipo de personalidade, muito emotivo e ao mesmo tempo frontal, incapaz patologicamente de fazer intriga.

– **Está a falar a sério?**

– Não se esqueça que o retrato divulgado de Béria é o retrato de um morto pintado pelos assassinos. Que objectividade queria que tivessem? Além disso, desde o momento do seu assassinio, a sua conduta foi analisada pelo prisma da burocracia, segundo a lógica do aparelho, e depois ainda se espantam com o resultado: como pôde

ter existido um tal monstro na terra? Na realidade o resultado não foi um monstro, mas uma absurdidade completa. Isto porque tal pessoa não se inscrevia de maneira nenhuma nas inter-relações do aparelho, vivia segundo outras leis. Não compreendia a lógica do aparelho, não a aceitava e não a queria conhecer, e é tudo. Quando se compreende isto, tudo fica no seu lugar.

A história é feita não tanto de datas, acontecimentos e documentos, mas sobretudo das pessoas que a criam. Se Stáline ou Hitler não tivessem existido a história mundial teria sido outra. Trata-se de grandes personalidades, com o seu carácter, relacionamentos, particularidades. Sobre Stáline já foram escritos muitos tomos, mas tomemos, por exemplo, Mólotov. Por um lado eram um comunista versado, obstinado e ambicioso, mas por outro lado era um diplomata inflexível e duro, que no seu trabalho se guiava unicamente pelo bom senso, não por ideias. Qual é aqui a parte de Mólotov e qual é a parte da direcção de Stáline? Ou, por exemplo, outro traço que o caracteriza muito bem. Tchuev perguntou a Mólotov se Béria discutia com Stáline. Mólotov responde: não, não discutia. E logo na frase seguinte percebe-se que afinal discutia e de que maneira, mas unicamente sobre questões concretas. Para Mólotov discutir sobre questões concretas não é discutir, só se pode discutir questões políticas, os aspectos concretos são momentos de trabalho.

**– E acha que discutia realmente?**

– Claro! As pessoas que não eram capazes de defender o seu ponto de vista não permaneciam muito tempo perto de Stáline. Mólotov também discutia com Stáline e com frequência conseguia levar a sua avante, uma vez que era muito mais obstinado do que o líder. A propósito, quando se fala dos processos dos anos 30 não se pode esquecer que no *Politburo* da altura os assuntos eram decididos por votação. E Stáline ficava com frequência em minoria.

**– E Malenkov? Também o descreve de uma forma diferente da que foi nos sempre «servida».**

– Penso que também foi caluniado. Em primeiro lugar, os khruchovistas não tinham o sentido de medida. Empenharam-se tanto em convencer toda a agente de que teria sido precisamente Malenkov quem dirigiu o golpe de Estado, que involuntariamente sou levada a pensar que este não teve nada a ver com o assunto. Além disso trataram-no com muito mais crueldade do que aos outros. Recorde-se que depois da tentativa de destituir Khruchov em 1957 (em que tudo se passou em conformidade com os métodos estatutários) Malenkov foi enviado para o exílio, donde só foi autorizado a regressar passados dez anos. Penso que a condição para o regresso foi o silêncio: não deixou memórias e é interessante que não seja citado por nenhum historiador. Ou seja, este homem ficou o resto da vida simplesmente calado. Sobre o seu verdadeiro papel na URSS de Stáline sabemos ainda menos do que sobre o de Béria. Temos o facto de que era um dos cinco membros do Comité Estatal de Defesa. Significa portanto que já em 1941 integrava o mais restrito de todos os círculos restritos de direcção.

**– Tinha boas relações com Béria?**

– Parece que não eram apenas boas, mas de amizade. Sergo Béria, indignado, referiu a seu propósito: *era um amigo da casa e traiu-nos!* Enfim, dez anos em Ekibastuz<sup>2</sup> podem ensinar uma pessoa a calar-se... Quem mais vos intriga?

– **Abakúmov!**<sup>3</sup>

– Oh, esse é outro herói notável e também incompreendido da nossa história. Recentemente saiu uma biografia bastante boa dele, onde se referem factos pouco conhecidos. Que pensaria de uma pessoa em cujo registo individual de serviço foi anotado: «*impetuoso*»? De uma pessoa que, com essa característica, passou de tenente a general em três anos? Inteligente, ardente, sempre desbravou o seu caminho, era capaz de amar e de odiar com toda a intensidade... Por um lado, como muitos outros na altura, tinha apenas o ensino básico, por outro nos relatórios das buscas no seu apartamento refere-se uma biblioteca com milhar e meio de volumes, o que para a época era muito. Ou, por exemplo, nos «*órgãos*» [segurança do Estado] recorda-se que Abakúmov formou uma excelente orquestra no Ministério da Segurança do Estado e com frequência encomendava para si música clássica...

– **Que mais se recorda nos «órgãos» sobre ele?**

– Que era especialista de contra-informação altamente qualificado, um chefe atencioso, disposto a dar a vida em defesa dos seus subordinados. Ivachútime, futuro chefe da Direcção Principal de Informação, relatou que em 1942 foi chamado a Moscovo para um encontro com Abakúmov. Durante a conversa este perguntou-lhe se tinha família. Ao saber que os seus familiares mais próximos tinham desaparecido durante a evacuação, prometeu tentar descobrir o seu paradeiro. No dia seguinte, voltou a chamar Ivachútime e secamente informou-o de que a sua família estava em Tachkent. Deu-lhe três dias de folga e um avião para ir visitar os seus entes próximos. É uma história interessante...

Dizem também que nunca utilizou métodos de acção física. Isto foi confirmado por testemunhas da Lubianka ouvidas pelo historiador Iúri Jukov.

– **No entanto, ninguém concluiu que Abakúmov era inocente, nem mesmo Iúri Múkhine.**<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Ekibastuz é uma cidade na província de Pavlodar, no Nordeste do Cazaquistão. (N. Ed.)

<sup>3</sup> **Abakúmov**, Víktor Semiónovitch (1908-1954), membro do partido desde 1930, ingressa nos órgãos de Segurança do Estado em 1932. Coronel-general, torna-se vice-comissário (1941) e ministro dos Assuntos Internos entre 1946-1951. Em 1951 é preso na sequência da denúncia de que travou as investigações do «*processo dos médicos*» e da «*conspiração sionista*». Depois da morte de Stáline, em Dezembro de 1954, é levado finalmente a julgamento, mas já sob a nova acusação de ter fabricado o «*processo de Leningrado*», enquanto membro do «*bando de Béria*». Foi condenado e executado 19 de Dezembro. (N. Ed.)

<sup>4</sup> Iúri Múkhine é um historiador russo com várias obras publicadas sobre a União Soviética. (N. Ed.)

– A questão judaica tolda o olhar de Múkhine, de outra forma há muito que teria necessariamente notado que o principal documento do «*processo Abakúmov*», a célebre carta ao CC, onde é implicado no caso do doutor Etinguer,<sup>5</sup> é uma falsificação. (Esta história é aliás totalmente esquizofrénica: a carta faz duas acusações, uma pela falsificação das investigações sobre Etinguer que estaria inocente, outra pela distorção das investigações de Etinguer que seria culpado. Foram os próprios falsificadores do processo de Abakúmov que se embrulharam...).

A carta é uma falsificação gritante, tanto pelo absurdo das acusações como pelo estilo retorcido, incaracterístico dos documentos da época. Tenho a suspeita de que os documentos falsificados a pedido de Khruchov eram elaborados por um sabotador qualquer, uma vez que são tão fáceis de identificar.

– **Então o major Kottenitchev não é apenas fruto da sua fantasia?**

– Diria que não é totalmente. Não me surpreenderia se tal pessoa existisse na realidade. Quem mais vos intriga?

– **Serov.<sup>6</sup> Como é que um funcionário experiente dos serviços de segurança se deixou chantagear daquela maneira?**

– Isso também é uma abordagem literária para diversificar um pouco a narrativa. Na verdade penso que ninguém o chantageou. Ele tinha razões suficientes para se juntar à conspiração mesmo sem ser chantageado.

– **Porque pensa que estava envolvido na conspiração?**

– Os khruchovistas não podiam prescindir de um aliado forte no Ministério dos Assuntos Internos. Era preciso que alguém neutralizasse eventuais acções dos «órgãos». Caso contrário certamente que teriam aparecido os rapazes do «*bureau n.º 2*»,<sup>7</sup> e todos seriam apanhados. Tinha de ser alguém ao nível de primeiro vice-ministro. Quem? É fácil adivinhar. Alguém que fez carreira com o novo poder e alinhado com eles a cem por cento. Dos três primeiros vice-ministros de Béria, Kobulov foi preso e executado, Kruglov tornou-se ministro dos Assuntos Internos, isto é, recebeu o cargo que ocupou até 1953, mas em breve seria despachado dos «órgãos». Apenas Serov fez carreira, tornando-se presidente do KGB e depois chefe da Direcção Principal de Contra-Inteligência [serviços militares].

---

<sup>5</sup> **Etinguer**, Iákov Guiliariévitch (1887-1951), médico cardiologista, professor, trabalhou durante vários anos para a Direcção de Saúde do Krémelin, tendo assistido destacados dirigentes comunistas soviéticos e estrangeiros. Em 1950 foi detido e acusado de integrar um grupo terrorista de médicos que usavam tratamentos nefastos para encurtar a vida de personalidades políticas da URSS, caso ficaria conhecido como «processo dos médicos». (N. Ed.)

<sup>6</sup> **Serov**, Ivan Aleksandrovitch (1905-1990), membro do partido desde 1926, do CC (1956-61) (membro candidato desde 1941), foi primeiro vice-ministro dos Assuntos Internos (1947-1954), presidente do Comité da Segurança de Estado (KGB) entre 1954 e 1958, chefe da Direcção Principal de Contra-Inteligência do Estado-Maior General (1958-1963). É expulso do PCUS em 1965, por aproveitamento do cargo em benefício pessoal, e aposentado. (N. Ed.)

<sup>7</sup> O «Bureau n.º 2» era uma estrutura operacional secreta e autónoma em relação aos restantes serviços de segurança de Estado. Foi criado por decisão do *Politburo* do PCUS, em Setembro de 1950, no âmbito do Ministério da Segurança de Estado da URSS. Foi extinto em Setembro de 1953. (N. Ed.)

## **Das torturas à reabilitação**

*(... ou da reabilitação às torturas?)*

– **Pois, Elena, na sua versão todos os diabos se transformam em anjos e pessoas perfeitamente decentes em criminosos. Mas falemos de coisas fundamentais. Julgo que há um assunto que ninguém discute: no Ministério da Segurança de Estado sempre se utilizou torturas. Mesmo os partidários de Béria o reconhecem, mas não o condenam, justificam-no.**

– Não eram anjos, mas também não eram monstros como os pintam. Simplesmente eram homens firmes, que sabiam o que era a guerra. No que respeita às torturas, até ao momento pode-se considerar estabelecido que foram utilizadas como método nos «*órgãos*» sob a direcção de Éjov, entre 1937 e 1938, e sob a direcção de Ignátiev, entre 1951 e 1953. Sob Béria e Abakúmov não eram utilizadas como método, mas está por esclarecer se o fizeram isoladamente em casos especiais (naturalmente que me refiro apenas a torturas sancionadas pela direcção). Não existem provas de que o tenham feito sob a direcção de Béria, se excluirmos os testemunhos já do tempo de Khruchov. Mas esses testemunhos não inspiram confiança, para não dizer mais.

– **Porquê?**

– Muito simples. Em primeiro lugar porque resultam de uma solicitação feita à sociedade, e nunca faltam pessoas dispostas a satisfazer essas solicitações. Em segundo lugar, vamos supor que um indivíduo desenvolvia efectivamente uma actividade contra o governo. Foi preso, provou-se que era culpado, e confessou tudo porque com isso salvava a vida. Depois foi libertado e reabilitado na época de Khruchov. Se lhe perguntassem sobre o processo, que diria ele? Diria a verdade ou declararia que sofreu torturas terríveis e que foi forçado a denunciar pessoas inocentes? Isto por um lado. Por outro lado, não é verosímil que a mesma pessoa que na primeira vez que ocupou o cargo de ministro dos Assuntos Internos tenha sancionado espancamentos de detidos e que, ao voltar a assumir esse cargo pela segunda, a sua primeira iniciativa foi emitir uma ordem sem precedentes de proibição de torturas. Ninguém lhe tinha exigido essa ordem, foi uma opção inteiramente sua. Não é lógico. Em 1938, Béria já não era um novato, mas um profissional de alta categoria e com toda a certeza que já tinha opinião formada sobre esta questão.

– **Como se explicam então as declarações do seu adjunto no inquérito de 1953?**

– Primeiro é preciso verificar a autenticidade desse inquérito. Não falo sequer das chamadas «*actas de Béria*» [alegado processo judicial], mas os interrogatórios dos seus colaboradores são também muito duvidosos. A dúvida surge sempre a partir dos pormenores. Por exemplo, Goglidzé declara que Papúlia, irmão de Sergo Ordjonikidzé, e o dirigente do Partido Comunista da Geórgia, Ernest Bédia, foram condenados em

1937 por uma «troika».<sup>8</sup> Ora, ambos estavam fora da alçada das «troikas». Só podiam ser julgados pelo Colégio Militar ou, em caso extremos, pelo tribunal local. Goglidzé, antigo ministro dos Assuntos Internos da Geórgia, sabia isto perfeitamente. Porém, se a acta foi composta por um jovem funcionário da procuradoria, que não participou no trabalho das «troikas», então podia não saber disso, o que explica o «lapso». Um só lapso deste tipo (e atenção que não é o único) leva-nos a duvidar da autenticidade de todas essas actas.

No que respeita a Abakúmov, a questão é ainda mais complicada... ou talvez mais simples. Ele era uma pessoa mais aberta do que Béria. Lembra-se da surpresa que manifestou quando foi sujeito a tortura? «*O que me fizeram é inacreditável*». Nenhuma pessoa qualifica de inacreditável algo que ele próprio teria feito. Em contrapartida existem testemunhos de que Ignátiev seleccionou os elementos que espancavam detidos, designando isso como «*uma missão de especial importância*». Mas se com Abakúmov eram utilizados métodos físicos, então já devia existir um aparelho montado. Ora, onde estava esse aparelho se Ignátiev teve de criá-lo de novo?

– **Há também muitas provas em contrário.**

– Caso possam considerar-se provas. Por exemplo, é bastante conhecida a carta de Abakúmov a Stáline sobre a prática de condução das investigações no Ministério da Segurança de Estado. Publicam-na com frequência e muitos citam-na sem se colocarem esta simples questão: para que teria servido tal a carta? Pelo conteúdo e estilo é a transcrição da metodologia de uma qualquer escola de polícia. Stáline conhecia tudo aquilo perfeitamente ainda Abakúmov andava debaixo das saias da mãe. Que sentido faz escrever ou ler uma quantidade de páginas sobre coisas óbvias? Não teriam mais nada que fazer?

Pois bem, nesta carta há uma frase em que se refere que, em casos extremos, se utilizam métodos de impacto de físico, e isto é dito citando-se o famigerado documento cifrado de Stáline sobre «*os métodos físicos*», de Janeiro de 1939. Ora a autenticidade deste documento é altamente duvidosa. A sua citação, por si só, torna também a carta suspeita. Se juntarmos ao que antes foi dito, então a carta é suspeita ao quadrado. E a suposição mais simples é que foi forjada durante a época de Khruchov, à medida do talento e habilidade (pouco impressionantes, deve-se dizer) do aparelho do *KGB* de então, unicamente para incluir a tal frase sobre «*os métodos físicos*», como uma das provas de que no Ministério da Segurança de Estado se espanca os detidos sob investigação. Documentos semelhantes são bastante numerosos.

Além disso, também aqui os khruchovistas fazem jus à sua falta de comedimento. Permanentemente e com uma assertividade extraordinária procuram convencer toda a gente de que Abakúmov falsificou dados de investigações e utilizou a tortura. Partindo desta marca de estilo podemos com fundamento concluir que se insistem tanto nesta questão, então é porque Abakúmov não utilizou a tortura.

– **Portanto, nem sob Béria nem sob Abakúmov se utilizou a tortura?**

---

<sup>8</sup> «Troika» é a designação dada aos órgãos judiciais constituídos provisoriamente em 1937 para julgar elementos contra-revolucionários, antigos kulaques e criminosos. Eram formados ao nível das Repúblicas, *Oblast* e *Krai* pelo chefe local da Segurança de Estado (NKVD), que presidia, pelo procurador regional e pelo primeiro secretário do partido. Estes órgãos foram extintos em Novembro de 1938. (N. Ed.)

– Provas indiscutíveis de que a direcção dos órgãos sancionou a sua utilização por enquanto não existem. Eventualmente pode excluir-se as secções das frentes de batalha do «*Smerch*», mas guerra é guerra. E mesmo isso não é um facto...

– **Qual a finalidade das acusações sobre a utilização da tortura?**

Ora isso é o mais interessante! Penso que se pode responder com uma só palavra: reabilitação! As condenações podiam ser anuladas, mas ficariam sempre os processos de instrução, haveria sempre uma mole de pessoas que se recordariam de alguma coisa. Era preciso dar uma explicação para tudo isto. E que melhor explicação podia haver do que as torturas? Resolve logo todas as questões.

– **Mas se as pessoas eram de facto inocentes...**

Não se deve confundir as diferentes vagas de reabilitação. Os inocentes foram libertados ainda por Béria, antes da guerra. E Khruchov só mais tarde pensou nas outras camadas de «*Trinta e Sete*», não o fez logo em 1953. Precisava em primeiro lugar de enterrar Abakúmov, e para isso nada melhor do que fazer dele um segundo Éjov. A decisão de salvar as vidas e a honra das «*vítimas inocentes*» do ministro-besta foi inteligente, porém surgiu logo um problema: onde ir buscar essas vítimas, já que depois da guerra não houve quaisquer repressões?

– ?!

– Sim, sim. Não houve quaisquer repressões após a guerra. No final dos anos 40, sem contar com os cúmplices dos ocupantes e com os bandidos, foram detidos por processos políticos entre 20 mil a 30 mil pessoas por ano neste enorme país. Isto são repressões? Para resolverem este problema os khruchovistas engendraram essa coisa notável que foi a reabilitação por «*troikas*». Comissões de três pessoas deslocavam-se aos campos de detenção e depois de examinarem os processos não judiciais mas prisionais, e de uma breve conversa com os detidos emitiam um atestado de reabilitação. «*Porque é que estás preso?*» «*Cortei um bocado da sela para fazer solas*».<sup>9</sup>

– **Mas qual sela?**

– É uma citação do romance imortal *Assim Foi Temperado o Aço*, há lá uma cena notável semelhante a estas «*inspecções*» das prisões. A quem não leu, recomendo vivamente, é um bom livro. E apenas depois os «*khruchovistas*» pensaram em se ocupar dos condenados de «*Trinta e Oito*», apresentando todas as repressões como repressões contra o partido. Mas isso teve lugar um pouco mais tarde. Naquele momento era preciso estabelecer um paralelo entre Éjov e Abakúmov e declarar que alguns processos importantes tinham sido falsificados, para conquistar determinados grupos sociais. Com o «*processo da indústria da aviação*» [*Aviaprom*] conquistavam os dirigentes da indústria, como o «*processo do Comité Antifascista Judaico*», os judeus e consequentemente a intelectualidade, com o «*processo de Leningrado*», o aparelho do partido, além de que, penso eu, Khruchov tinha um interesse pessoal neste caso.

---

<sup>9</sup> Nikolai Ostróvski, *Assim Foi temperado o Aço*, ed. Avante!, Lisboa, 2011, p. 106. (N. Ed.)



– **Ou seja, considera de ele teve alguma relação «processo de Leningrado»? Acha que a «conspiração de Belaveja»<sup>10</sup> poderá ter tido lugar ainda nos anos 40?**

– Ele sempre se relacionou com os «*leningradenses*» de uma forma trémula e meiga. Claro que se pode pensar que era uma maneira de conquistar o povo, mas também se pode pensar outra coisa. Pode-se pensar que o «*grupo de Leningrado*» era na realidade muito mais do que se supunha, e que não era só Leningrado que estava envolvida neste caso. Não penso que seja inconcebível, como uma das hipóteses, que no final dos anos 40 estivesse a ser preparado um cenário do tipo de Belaveja. Se foi possível chegar a esse ponto nos anos 90, porque não meio século antes? E se assim é então temos já três razões pelas quais afastaram Abakúmov: este poria tudo à luz do dia, até à última raiz.

– **E pensa que o «processo de Leningrado» foi «limpo»?**

– E quais são as razões para se pensar que foi uma falsificação? A reabilitação khruchovista? Desculpe, mas isso foi uma «*encomenda*». Sobre o processo em si ninguém sabe nada. Nenhum dos trabalhos sobre o assunto refere que algum dos autores da investigação o tenha lido. No entanto, nos processos muito badalados, por muitos que sejam obstáculos, há sempre alguém que consegue aceder ao seu conteúdo. De modo que é uma questão ainda em aberto: existirá ainda o processo ou terá sido destruído no tempo de Khruchov? E enquanto não forem publicados pelo menos os mais importantes documentos do «*processo de Leningrado*», ou enquanto nenhum investigador sério tiver acesso a eles, cada um pode pressupor que que quiser, se isso corresponder com os fragmentos de informação de que dispõe. E eu pressupus que o processo é verdadeiro. O mesmo se pode dizer em relação ao «*processo da indústria aeronáutica*», o qual, a julgar pelas investigações mais recentes existiu realmente.

– **Mas os seus protagonistas foram reabilitados ainda sob Béria! Como explica isso?**

Sobre isso há três hipóteses. A primeira é a de que Abakúmov tratou o «*processo da indústria aeronáutica*» na perspectiva de funcionário da contra-informação, e Béria com os olhos de dirigente da indústria. Béria sempre defendeu os dirigentes da indústria como se do Forte de Brest se tratasse. Aqui a questão delicada é saber se os aviões tinham defeito devido a negligência dolosa ou tudo não passou de uma falha

---

<sup>10</sup> O pacto de Belaveja ou acordo de Minsk foi assinado, em 8 de Dezembro de 1991, pelos presidentes da Federação Russa, Boris Éltsine, da Bielorrússia, Stanislav Chuchkevitch, e da Ucrânia, Leonid Kravtchuk. Declarava que a URSS «*como sujeito do direito internacional e realidade geopolítica cessava de existir*». (N. Ed.)

normal de fabricação. Ora sabemos que Chakhúrine<sup>11</sup> e Nóvikov<sup>12</sup> foram presos não por razões políticas, mas por negligência dolosa. A segunda hipótese é a de que se tratou de uma manobra política: o processo envolvia o nome de Malenkov e comprometia-o, ora Malenkov era o chefe do Estado. E a terceira é a de que foi uma jogada para entorpecer a vigilância dos conspiradores, para os quais a libertação de Abakúmov representava um perigo fatal.

– **Mas à luz de que lei? Se houve negligência dolosa, não eram culpados?**

– Béria encarava a lei com um cinismo de tipo especial. Receava prender inocentes e fazia tudo para que tal não acontecesse. Sobre isto há provas concretas. E há igualmente provas concretas de que não se importava de libertar um culpado se considerasse que isso servia a causa. Aliás, existe ainda uma quarta versão: Ao verificar o «*processo da indústria aeronáutica*», Béria não encontrou razões para a reabilitação, conclusão que teria comunicado ao *Presidium* do CC...

– ?!!!

– ... Depois, o seu relatório e as correspondentes resoluções do CC terão sido eliminados e substituídos por outros textos. É uma versão possível que encaixa perfeitamente no espírito da gente que chegou ao poder. Pode ser que isto tenha sido uma parte da retribuição de Khruchov a Malenkov pela sua lealdade no plenário. Repito: Khruchov queria a todo o custo fazer desaparecer Abakúmov e reabilitar os «*lenin-gradenses*».

– **Porquê?**

– Como porquê? Porque eram do mesmo grupo...

– **Eram «agentes de influência»?**

– «*Agentes de influência*» ou simplesmente agentes ligados à conspiração ou sob chantagem. É provável que tenham utilizado alguém de forma oculta... Não estudei em pormenor este assunto e para já só posso dizer uma coisa: há fortes indícios de que na cúpula do PCUS agia um grupo estreitamente ligado ao Ocidente; podiam ser agentes ou aliados.

---

<sup>11</sup> **Chakhúrine**, Aleksei Ivánovitch (1904-1975), membro do partido desde 1925, primeiro-secretário do partido nos Oblast de Iaroslav (1938-39) e de Gorki (1939-40), comissário do povo da Indústria Aeronáutica (1940-46). Em 1946 foi acusado de abuso de poder e de permitir a produção de aviões defeituosos que provocaram uma grande número de acidentes e a morte de pilotos, bem como muitas unidades que nunca puderam ser utilizadas nas batalhas contra os exércitos nazis. Foi reabilitado em 1953 e nomeado vice-ministro da Indústria Aeronáutica (1953-57) e vice-presidente do Comité das Relações Comerciais Externas (1957-59). (*N. Ed.*)

<sup>12</sup> **Nóvikov**, Aleksandr Aleksándrovitch (1900-1976), marechal soviético, militar do Exército Vermelho desde 1919. Entrou para a Força Aérea em 1933, participou na guerra civil e na guerra soviético-finlandesa. Durante a II Guerra comandou as frentes da aviação como representante do QG do Comandante Supremo. Em 1946 foi implicado no «*processo da indústria aeronáutica*» e condenado a cinco anos de prisão. Em 1953 foi reabilitado e nomeado comandante da aviação de longo raio de acção e adjunto do comandante-em-chefe da Força Aérea. (*N. Ed.*)

– **Mas como entender a «reabilitação khruhovista»?**

– Tudo depende da questão-chave que temos analisado. Como qualificar os acontecimentos de 26 de Junho de 1953? Tratou-se de um golpe de Estado ou simplesmente de um ajuste de contas da cúpula na luta pelo poder? Se foi um golpe de Estado todas as reabilitações sentenciadas judicialmente após essa data podem simplesmente ser invalidadas. Imaginemos um exemplo simples: se Lénine tivesse pretendido reabilitar Aleksandr Uliánov<sup>13</sup> depois de 1917, tê-lo-ia feito com grande facilidade e de modo inteiramente legal. Concorda? Qualquer procurador, qualquer juiz teria assinado o documento dessa reabilitação. No entanto, isso não significa que o irmão mais velho de Lénine não tivesse cometido actos que constituem crimes. Longe disso! E que razões temos nós para considerar que os «*leningradenses*» foram condenados injustamente e não admitir que Khruchov, ao chegar ao poder, reabilitou os seus comparsas na conspiração anti-stalinista? E que, depois, para encobrir esta operação, fez o mesmo com vários outros processos? E muito mais...

– **Considera então que a reabilitação foi uma «operação e encobrimento»?**

– Não completamente. As coisas não são assim tão simples. Uma parte foi isso mesmo, mas houve também outros processos. A partir de um determinado momento a reabilitação tornou-se incontrolável. Isto por um lado. Por outro lado, ela foi necessária como fundamento para o XX Congresso. E qual a necessidade desse congresso, ou melhor, do discurso que Khruchov lá fez? Não existe até hoje uma explicação satisfatória para esse acto de um cinismo e de uma estupidez sem precedentes. Khruchov era cínico, mas não era estúpido. Isso não... Então porquê?

---

<sup>13</sup>**Uliánov**, Aleksandr Ilitch (1866-1887), irmão mais velho de Lénine, membro da fracção terrorista da «Vontade do Povo», condenado a enforcamento por ter participado na tentativa de atentado contra o imperador Alexandre III. (*N. Ed.*)